A Razão na História, de G. W. F. Hegel — Ficha de leitura

12.º Ano | Filosofia | 4 páginas | 12 exercícios

Competências que desenvolve: leitura integral da obra — a forma de aulas póstumas, a filosofia da história contra a crónica, o esquema da consciência da liberdade, a engenhosidade da razão e o confronto com a obra de Heidegger (Aprendizagens Essenciais, Organizador «Trabalho sobre cada uma das obras»).

Revisão rápida — *A Razão na História*

- **Contexto e forma:** aulas de Berlim (anos 1820), *publicadas postumamente* pelos alunos — não é um tratado escrito: é um curso reconstruído.
- **Objeto:** a filosofia da história procura o *sentido* — não narra acontecimentos como uma crónica: pergunta o que se realiza na história.
- **Tese:** a história é o processo em que a razão se torna real e a liberdade toma consciência de si — e o esquema: um livre (despotismo oriental) → alguns livres (mundo grego-romano) → todos livres (mundo germânico-cristão).
- **Meios:** a razão realiza-se *pelas paixões* dos indivíduos (engenhosidade); os indivíduos históricos cumprem, sem o saber, o que o tempo exige.
- **O que exclui:** a história não é teatro da felicidade — o critério é a consciência da liberdade, não o bem-estar de quem a vive.

Exercícios

1. V/F: a) A obra é póstuma — aulas publicadas pelos alunos → __ b) A filosofia da história não narra acontecimentos: pergunta o sentido → __ c) O fim da história é a felicidade dos indivíduos → __ d) Para Hegel, os grandes indivíduos sabem sempre o que cumprem → __

2. Completa: a) as aulas avançam do __ ao esquema dos povos históricos b) no esquema: um livre no __, alguns no __, todos no __ c) a razão realiza-se pelas __ d) o critério do progresso é a __ da liberdade.

3. Liga cada etapa à sua liberdade (banco: *todos livres · um livre · alguns livres*): despotismo oriental → __ · mundo grego-romano → __ · mundo germânico-cristão → __.

4. Contexto: escreve 2 linhas sobre a origem do texto (o que eram as aulas e como chegou até nós) e o seu objeto.

© 2026 Estudantices

5. Reconstrói o argumento do sentido: P1 (o que a razão é e faz) __ P2 (o seu fim) __ C: logo a história tem progresso — da liberdade de um para a de todos.

6. Completa o mapa: filosofia da história → estuda o __ · engenhosidade da razão → serve-se das __ dos indivíduos · povos históricos → encarnam um momento da __ · indivíduos históricos → cumprem sem o que __.

7. Ordena a construção do curso (1–5): __ o esquema dos povos (um/alguns/todos) · __ as preliminares conceituais (a ideia e a liberdade) · __ os indivíduos e as paixões · __ a história como manifestação da liberdade · __ os povos históricos e o seu princípio

8. Análise: *«A história universal não é o teatro da felicidade: o que nela se realiza é o processo de que a razão se torna consciente.»* a) Tese: __ b) O que a frase exclui como medida da história: __

9. Confronto com o elenco: *A Razão na História* e *A Origem da Obra de Arte* — ambos falam de um povo e de um princípio que ele exprime; comum e divergência (em Hegel o povo é momento de um processo que avança; em Heidegger a obra abre o mundo de um povo sem progresso).

10. Erro de leitura: «Hegel diz que a história é feita pelos grandes homens sozinhos.» Corrige com o estatuto que a obra lhes dá.

11. Produção: defende a engenhosidade da razão com um exemplo — um acontecimento em que interesses particulares cumpriram um desígnio colectivo sem o saberem — e responde à objeção («isso é só leitura depois do facto»).

12. Esboço de ensaio: «A história tem sentido?» — tese com a obra, argumento, a objeção (o «sentido» seria leitura retrospectiva), a resposta e uma aplicação ao presente.

© 2026 Estudantices

Soluções — A Razão na História, de G. W. F. Hegel

1. a) V (as aulas tomaram forma nos alunos e saíram depois da morte do autor) b) V c) F (é a consciência da liberdade — e a obra diz explicitamente o contrário da felicidade como fim) d) F (são instrumentos — cumprem sem pleno saber o que o tempo exige).

2. a) conceito b) despotismo oriental, mundo grego-romano, mundo germânico-cristão c) paixões (e interesses) d) consciência (tomar-se consciente) da liberdade.

3. oriental → um livre · grego-romano → alguns livres · germânico-cristão → todos livres.

4. (modelo) Aulas proferidas em Berlim nos anos 1820 e publicadas postumamente pelos alunos — objeto: a filosofia da história universal, ou seja, não o que aconteceu, mas o sentido do que se realiza: a razão e a liberdade no tempo.

5. P1: a razão é real — age e manifesta-se no mundo histórico · P2: o seu fim é tornar-se consciente de si na liberdade dos homens · C: logo a história é progresso — de um livre para alguns e, por fim, todos.

6. sentido (não a crónica) · paixões (interesses) · consciência da liberdade · o saber (sem o saber plenamente).

7. ordem: 1 preliminares conceituais · 2 a história como manifestação da liberdade · 3 o esquema (um/alguns/todos) · 4 os povos históricos e o seu princípio · 5 os indivíduos e as paixões.

8. a) a história tem sentido — é a manifestação pela qual a razão se torna consciente de si b) a medida pelo bem-estar: o que importa não é quem foi feliz, mas onde a liberdade tomou consciência — por isso há progresso sem felicidade garantida.

9. Comum: ambos pensam a partir de um povo — Hegel: cada povo histórico encarna um momento da consciência da liberdade; Heidegger: a obra (o templo) abre o mundo de um povo. O povo como portador de um princípio. Divergência: em Hegel há *processo* — o povo é etapa de um progresso; em Heidegger há *acontecimento* — a obra dá uma verdade sem sequência. História com direção vs abertura sem progresso.

10. Erra: os grandes indivíduos não *fazem* a história sozinhos — são instrumentos: cumprem, movidos pelas próprias paixões, o que o tempo exige; sem as condições e as massas que os movem, não há cumprimento. A obra subordina o indivíduo ao processo — é por aí que se distingue de uma história de heróis.

11. (modelo) Exemplo: reformas que nasceram de interesses de grupos que só queriam o seu proveito e deram colectivamente um passo de liberdade que ninguém planeou — o interesse particular serviu o universal sem o saber. Objeção: «isso é contar a história ao contrário, depois dos factos». Resposta: a engenhosidade não é adivinhação — é a tese de que a razão se serve das paixões *porque* são o único motor que os homens têm; a prova é que, uma vez dado o passo, ninguém o desconhece.

12. (modelo) Tese: tem sentido — como processo em que a razão e a liberdade se tornam conscientes (o esquema um → alguns → todos). Argumento: a engenhosidade — a razão realiza-se pelas paixões, sem pedir licença aos planos dos indivíduos. Objeção: o «sentido» é leitura depois do facto — a história é acaso que nós ordenamos. Resposta: se fosse só retrospectivo, o progresso seria qualquer coisa que só se vê de cá — mas o texto sustenta o critério (a consciência da liberdade cresce mensuravelmente nos instituições). Aplicação: ao olhar para o presente, a pergunta não é «dá certo?» mas «onde está hoje a liberdade a tomar consciência?».

© 2026 Estudantices